

## SEMANA DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

### PATRIMÔNIO CULTURAL: USOS E ABANDONOS DA MEMÓRIA

#### *Mesa: Patrimônio e memória em questão*

#### **Relatos e memória (usos e abandono da memória)**

Teresa Malatian

Do mundo dos computadores nos vem de imediato, quando solicitamos o entendimento do conceito de memória, sua configuração como um estoque variado de registros passíveis de serem recuperados tal como num filme retrospectivo, ao simples toque de uma tecla do aparelho.

No entanto, desde que nos debruçamos mais detidamente sobre o tema, dilui-se a aparente simplicidade do procedimento de produção, armazenamento e evocação de lembranças, que constitui o que chamamos de memória. Num emaranhado de questionamentos o estatuto da memória e sua contrapartida, o esquecimento, suscitam a série de mediações que intervêm e se inscrevem no processo memorialístico: o meio, as condições, os indivíduos e grupos envolvidos, o acesso à linguagem, os itinerários sociais, as representações, os valores a elas subjacentes. Embora se trate de um discurso sobre o passado, nos fala muito do presente e das circunstâncias que permitiram sua construção.

A idéia que pretendo desenvolver nesta apresentação é a de que a maneira como os homens contam suas vidas não pode ser dissociada da realidade sócio-histórica nas quais sociedades e culturas representam e codificam as relações entre indivíduo e coletividade, público e privado, e do indivíduo em relação a si mesmo. Elucidam práticas de construção do homem como sujeito ao criar para si um passado e um futuro.

O peso atribuído a certas interpretações que ressaltam o poder repressor e castrador da sociedade, ou seja, as relações de poder presentes na construção de relatos e, por extensão das práticas de memória, é aqui nesta fala relativizado para abrir espaço a escolhas individuais marcadas por um espaço de liberdade.

Retomo inicialmente as considerações sobre o tema feitas por um autor que se tornou clássico nos estudos sobre memória na dimensão das relações entre o indivíduo e seu mundo: Maurice Halbwachs. Seus estudos de psicologia social sobre o caráter coletivo da memória, datados das primeiras décadas do século XX, ainda hoje nos alertam para a dimensão grupal da construção das lembranças e do processo rememorativo. A vitalidade de seu pensamento, redescoberto na década de 1980 no bojo do *boom* da História Oral, persiste subjacente a interpretações que levaram adiante a percepção da relevância do grupo enquanto suporte da memória.

É o caso de Crubellier, que analisa o “capital de lembranças” como dimensão temporal, espacial e social da cultura. Para ele a memória liga-se irrevogavelmente à vida do grupo ao qual ela serve e de cuja trajetória ela participa. A memorização feita por um grupo significa a construção de um “patrimônio de lembranças” que comporta valorização ou exclusão de personagens e eventos, em suma, a apropriação seletiva do passado e do presente, com vistas à ação.

A construção de lembranças obedece a certos critérios de observação, como a autoridade (a certificação por uma pessoa autorizada), a acumulação de detalhes (tanto mais abundantes quanto menos verossímeis), visando a formação de um tipo ou estereótipo (acredita-se ser verdadeiro aquilo que está conforme a um modelo - do herói ou traidor, por ex). Trata-se antes de tudo de uma construção baseada em uma representação do mundo, que obedece a um dado ordenamento. A memória consiste pois numa dimensão temporal da cultura e sua coerência aparente remete aos quadros que sustentam o conjunto, conferindo-lhe um sentido.

Seus diversos registros (orais, festas, monumentos, escritos, gestos, rituais, etc) possuem em comum a característica de reunirem lembranças escolhidas, valores e regras de ação das quais não está absolutamente ausente a dimensão afetiva associada a procedimentos de identificação, garantidores da coesão grupal tanto dos autores como dos receptores das lembranças.

Esta constatação nos leva ao território do social e sua manifestação em memórias concorrentes sobre determinados eventos, aos usos e abandonos da memória. Para trabalhá-lo escolhi o tema da Primeira Guerra Mundial e o relato memorialístico contido no diário de Flora de Oliveira Lima.

O gênero autobiográfico tem despertado grande interesse na mídia e nas ciências humanas em geral. Seu valor como fonte e como objeto da História só tem feito crescer nas últimas décadas, ao risco de se supor que ao trazer para o presente um texto memorialístico se estaria trazendo à luz dos leitores a vida do indivíduo, tal como vivida.

Este gênero – que agora passarei a denominar escrita de si – comporta diários, relatos de viagem, correspondência, memórias, enfim todo tipo de enunciado feito na primeira pessoa singular ou plural. Longe de serem considerados retratos fidedignos do indivíduo e suas vivências, é preciso considerar que em sua elaboração entram complexos procedimentos: seleção, supressão, experiências próprias, relatos de outros transfigurados em relatos na primeira pessoa.

Estudos baseados na psicologia e nas formações discursivas têm enfatizado seu papel como campo de formação dos indivíduos, ou seja, como “arte formadora da experiência” por permitirem aos indivíduos construir-se ao longo do trato memorialístico de sua própria historicidade. Por isso mesmo, sua compreensão reclama a reconstrução no interior de contextos sociais em que foram criados. Phillippe Lejeune trouxe uma contribuição fundamental para o método ao alertar os historiadores para uma dimensão dialógica da escrita de si e postular a existência de um “pacto autobiográfico”, firmado entre o autor e seus leitores, cujo suporte seria o compromisso com a promessa de um relato verídico, pois é disso que se trata: convencer o leitor da credibilidade do relato. Os eventos retidos pela memória são sempre apresentados como “verdadeiros”, mesmo que não tenham ocorrido da forma consagrada na narrativa. Desse modo, o percurso autobiográfico é construído para ressaltar as experiências merecedoras de atenção. Constitui uma auto-representação (predomínio do indivíduo no texto) que comporta um olhar também para outros eus que interagiram/interagem com o narrador.

Quando se fala em escrita de si adentra-se no território das práticas e dos protocolos de relação do indivíduo consigo mesmo e com os grupos em que se insere. Em cada época os discursos desta natureza se pautam por formas codificadas, específicas de cada grupo, que expressam valores, representações, situações. São os momentos coletivos ou pessoais que conforme Momberger “desenham e unificam provisoriamente uma figura do sujeito individual e da consciência de si”. ‘E na sequência desses momentos que o sujeito e sua identidade se compõem e recompõem continuamente.

Mais especificamente falando, trata-se de considerar nas análises o momento biográfico ou seja, “ espaço-tempo interior que o sujeito constrói sobre a base de sua experiência e que, identificando e singularizando este ou aquele domínio de sua existência, permite-lhe reconhecer e se apropriar de cada situação nova numa configuração de hábitos, afetos, relações que lhe é própria. Um momento genérico [ que ] pode se decompor em momentos específicos segundo as posições ocupadas e os papéis que lhes correspondem”.

Relatar uma vida em sua dimensão cotidiana tal como se apresenta nos diários, significa atravessar esses momentos biográficos que relatam episódios e experiências de vida. Ao fazê-lo cada autor “ordena, tematiza, interpreta os eventos de sua existência segundo uma coerência de forma e de sentido”, num discurso que ao mesmo tempo ordena sua própria existência. O momento biográfico é construído segundo práticas e protocolos sancionados numa dada época e articula-se diretamente com um projeto de formação que permite ao autor construir o relato e ao mesmo tempo reconhecer-se nele. Na vinculação a um grupo estão as marcas da construção identitária partilhada. Por isso mesmo sua relação com a temporalidade e a historicidade consiste num movimento de vaivém entre o vivido, o presente o vir a ser, que determinam a organização da memória em perspectiva de futuro.

### O diário de Flora

É bastante conhecida a importância dos escritos autobiográficos ( diários e cartas) produzidos durante a Primeira Guerra Mundial, dando conta do grande traumatismo que foi o conflito armado. Pela sua enorme amplitude em termos de países afetados, pelas perdas que impôs – poucas famílias na Europa conflagrada deixaram de perder um de seus entes queridos – e pela duração inesperadamente longa, a guerra deixou lembranças de grande intensidade emocional, difíceis de administrar e expressivas de paixões coletivas. Além dos diários de combatentes, existem inúmeros outros deixados por civis.

Os temas desses diários centram-se na crônica da guerra, nas preocupações com parentes e amigos, atingem toda a rede de relações dos indivíduos, comportando comentários pitorescos, digressões, julgamentos dos fatos. Curiosidades que variam segundo cada autor , segundo suas experiências, formação, condutas a que estavam habituados, informações trocadas com os vizinhos, amigos, obtidas em comunicados oficiais, jornais (com reprodução de textos, por vezes). O registro dos diários íntimos é o resultado a mistura de todos esses elementos, onde se cruzam memórias em formação e memórias já organizadas e duráveis centradas na experiência pessoal.

O *Boudoir Diary* , escrito em 1915, consiste numa narrativa construída em Londres e nos Estados Unidos por Flora de Oliveira Lima, esposa do diplomata e historiador brasileiro Manoel de Oliveira Lima . Tendo sido durante grande parte de sua vida secretária de seu marido, acompanhou de perto sua trajetória e partilhou posicionamentos políticos por ele assumidos, participando de rodas de intelectuais, diplomatas e políticos no Brasil e na Europa no contexto da *belle époque*. Não obstante, percebe-se no seu diário a presença de uma narradora com interesses próprios , que construiu uma interpretação no feminino dessas vivências. Trata-se não

apenas de uma narrativa de sua vida mas também dos acontecimentos da vida do casal, registrados através do filtro seletivo da narradora. Nela a preocupação com a imagem pública se impõe sobre o desvendar da vida íntima, com a certeza de que esse registro seria lido um dia, tanto que foi conservado.

Os diários femininos caracterizam-se por serem arquivos em geral pouco preservados, sujeitos à destruição mesmo ainda em vida de suas autoras, e no entanto, de grande interesse para a História pela riqueza de seus conteúdos. Na França, por exemplo, no século XIX e início do XX, esses registros eram comuns e faziam parte da cultura das moças solteiras, sendo recomendados por professores e educadores como uma forma de controle de si. Tal característica de sua produção justifica a ausência de temas como sexualidade, mudanças físicas, emoções fortes, paixões, de modo que esses registros atenderam a uma função social específica, que consistia na disciplinarização das moças para torná-las boas esposas e mães, segundo os códigos da época.

Assim como as cartas, tais documentos privados são construídos segundo normas específicas, que no caso do *Boudoir Diary*, evidenciam códigos vitorianos burgueses de relações entre público e privado, coletivo e individual, ostensivo e íntimo, masculino e feminino, combinados num jogo de ocultamento /revelação, normativos da construção e apresentação de uma imagem pessoal, extremamente adequados ao conceito de privacidade<sup>1</sup>. Compreende-se assim a adequação sugestiva do tipo de suporte escolhido para o registro, uma caderneta impressa cujo título de imediato remete ao espaço íntimo do toucador, da saleta reservada de um mundo essencialmente feminino, destinado ao arranjo pessoal da mulher, no qual o espelho tem papel fundamental. Espelho onde a autora se olha, se vê e lhe devolve uma imagem a ser partilhada com o leitor.

O diário começa, como muitas vezes ocorre, com uma resolução de ano novo e a informação de não ter sido essa a primeira vez em que Flora tomou tal iniciativa. Esta informação permite elucidar aspectos da estrutura da narrativa, a qual parece recuperar informações anteriormente registradas. Este foi o momento biográfico de que falamos acima.

O que teria motivado a escrita desse diário? Vários dados permitem construir um contexto motivador, no qual a Primeira Guerra Mundial, a constatação da transitoriedade e fragilidade do instante e a possibilidade da morte são evidentes. O início de uma nova fase da vida com o estabelecimento do casal em Londres fora praticamente abortado em razão dos posicionamentos políticos pró-Alemanha

---

<sup>1</sup> PERROT, M. (org.). História da vida privada da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, v.4, pp. 10-11.

assumidos por Oliveira Lima durante a guerra. Esses elementos estão ali presentes, pois o texto tem início com a referência à perda do transatlântico "H.M.S. Formidable" pela Inglaterra, evento que merece a pergunta inicial de Flora : "How long will it last?"

Flora Cavalcanti de Albuquerque (1863-1940) era filha dos senhores do engenho Cachoeirinha, município de Escada, na Zona da Mata pernambucana. Ao escrever seu diário, não apenas se inseriu nas práticas de registro do eu vigentes desde o século XIX, mas deu continuidade a uma tradição memorialística da família, de acordo com os hábitos da oligarquia açucareira de Pernambuco . Mas a especificidade do seu diário consiste sobretudo em não se ater a uma crônica de família ou a uma genealogia. Constitui um relato autobiográfico que condensa a história de uma vida narrada na primeira pessoa, inserida num grupo específico da diplomacia e da intelectualidade radicado em Londres, embora com raízes em diversos países.

O casamento inesperado com o jovem diplomata constituiu um momento de ruptura com o mundo dos engenhos e da família patriarcal, criando para Flora a oportunidade de uma nova vida no exterior, com viagens, festas, atividades intelectuais e políticas. O casamento do jovem recém nomeado secretário de legação com a professorinha nada mais foi que um arranjo, conforme padrões da época, sem grandes arrebatamentos, não faltando ao enredo a habitual conspiração familiar para aproximar os jovens. A partir do casamento, sua vida passou-se quase toda no exterior do país, com alguns períodos de visita ao seu Estado natal .

Seu diário constitui um documento precioso para a análise dos papéis que desempenhou enquanto dona de casa e secretária do marido. Neste sentido, o diário pode ser o ponto de partida para a compreensão da situação da mulher no período e num determinado espaço de sociabilidade, seus padrões de comportamento, códigos morais, sentimentos, emoções, valores. Enfim, o diário expressa uma tentativa de construção de uma personalidade independente, de pensamento autônomo e de redefinição dos papéis sociais por Flora. Neste caso, "destino de gênero" diz respeito às "funções relegadas tradicionalmente às mulheres e geralmente circunscritas à esfera da reprodução (cuidado com a casa, os filhos, o marido, etc)" <sup>2</sup>, ou seja , a posição para uma mulher saída de família patriarcal.

Tudo leva a pensar que o *Boudoir Diary* expressou grandes resistências ao papel feminino que afastava as mulheres das tentações literárias . Mais do que expor um conflito, o documento é a vívida construção de um eu literário que encontrou esse

---

<sup>2</sup> FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; CUNHA, M. Amália de Almeida. "dimensões da condição feminina no final do século XIX, nas páginas do Diário "Minha vida de menina" (1893-1895). *Horizontes*: Bragança Paulista, n. 19, jan/dez. 2001, p. 29-41.

caminho para expressar sua posição no trabalho intelectual, complementada por uma escrita própria de documentos íntimos, sobretudo de cartas. Ele constitui o testemunho do modo como Flora vivenciou e interpretou o casamento, que não lhe deu filhos. Viveu na Europa numa época em que ocorriam avanços femininos na vida pública, as *suffragettes* faziam campanhas públicas de grande repercussão e a emancipação da mulher era pauta de discussões. Embora não se possa ver nela uma militante feminista, construiu no seu diário um eu questionador dos papéis tradicionais relacionados ao destino de gênero e ao mesmo tempo adotou atitude defensiva perante um leitor que pudesse lhe cobrar submissão ao papel de dona de casa portadora das virtudes domésticas. Nisto certamente o casamento teve um papel decisivo pois Oliveira Lima, apesar de nascido em Pernambuco, era europeu pela formação, tendo residido a maior parte de sua vida na Europa e nos Estados Unidos, fator que possibilitou o estabelecimento de uma relação entre o casal bastante distanciada daquela vigente no mundo patriarcal dos engenhos, diferenciação acrescida pela diferença de idade que dava a Flora uma certa ascendência sobre ele.

Flora tinha seus próprios correspondentes, amizades femininas, de casal e familiares, prática usual entre mulheres do seu meio social, com quem mantinha intensa atividade epistolar. O que mais se afirma nesse relato é o grande prazer que tinha em receber cartas e portanto a necessidade de construir uma individualidade, na qual o trato com as letras, considerado ofício masculino, tivesse um lugar significativo. O mesmo se pode dizer do seu interesse pela política e de seu envolvimento nesse campo.

Nesse sentido, o segundo tema do registro que permite verificar as relações de gênero refere-se à Guerra de 1914-1918. O casal viveu entre 1914 e 1915 em Londres e sofreu as conseqüências das posições germanófilas assumidas por Oliveira Lima na imprensa, sobretudo nos artigos "Ecos da Guerra" publicados em O Estado de São Paulo, os quais lhe causaram problemas políticos na Inglaterra, tendo sido afinal impedido de lá regressar após a viagem aos Estados Unidos, em 1916. Com a constante suspeita da polícia, a casa vigiada, muitas relações com refugiados belgas, o casal enfrentou esse período conturbado com intensa produção intelectual, engajamento em redes de auxílio a refugiados políticos e movimentos pacifistas. Flora revela em seus registros a oscilação entre a admiração incondicional ao marido, numa clara postura de casal, e a tentativa de oferecer ao leitor com quem dialoga uma imagem de independência de opiniões. Seus comentários sobre a guerra, que abrem o diário, mantêm-se ao longo de todo o registro, e avisam o leitor desse engajamento compatível com a participação política cada vez maior que as mulheres

vinham tendo na Europa e particularmente em Londres, onde o direito de voto era reivindicado:

A casa dos Oliveira Lima em Londres era um local de reunião de um grupo amplo, de origem diversificada, constituído por intelectuais e diplomatas, muitos estrangeiros, exilados políticos, que mantinham com eles laços de amizade. O casal possuía relações consideradas valiosas para os que ali procuravam intermediação para seus problemas, sobretudo para conseguir empregos para os estrangeiros impedidos de retornar ao seu país. Contatos na legação do Brasil também garantiam certa proteção a brasileiros e facilitavam a vida de muitos. A roda de amigos oferecia suporte psicológico mútuo naqueles tempos de guerra, amparando os deprimidos e privados de contatos com seu país. Neste particular, o diário é bastante minucioso na apresentação dos relacionamentos, com a indicação de sua pertença ou não ao grupo, as conversas mantidas, as opiniões políticas.

Nesse ambiente, a relação de Flora com a guerra baseou-se sobretudo nos contatos estabelecidos com o grupo de diplomatas e intelectuais, além de diferentes experiências pessoais. Seu interlocutor constante e maior nesse aspecto era o marido e os artigos que ele escrevia para a imprensa brasileira. Flora valorizava esses artigos sobretudo por abordarem diferentes aspectos da questão:

*Eles são particularmente interessantes para mim porque através deles eu tenho uma boa idéia sobre o que está acontecendo sem o incômodo de ler os jornais. É um meio fácil de estar informado sobre este grande evento da história da humanidade, a guerra que parece visar a destruição do trabalho que representa vinte séculos de civilização Cristã (6 de março).*

Vários temas tecem a teia desses registros diários sobre a guerra: as notícias sobre os atos bélicos como o afundamento de navios, o bombardeio de Londres, as chamadas atrocidades alemãs, as dificuldades de abastecimento, as suspeitas de adesão ao inimigo da Inglaterra. O tempo todo, Flora mantém-se germanófila, assumindo claramente a mesma posição do marido e fazendo uma leitura das notícias e de suas vivências a partir deste prisma. A guerra invade sua vida, ocupa sua correspondência (sujeita à censura, como praxe), mobiliza as conversas com as visitas, invade as relações de amizade. Particularmente vivas são as descrições dos bombardeios de Londres, nas quais a observação à distância dos estragos causados pelas bombas mistura temor e fascínio, sentimento de vingança e de acerto de contas:

*Londres vive agora no terror das bombas dos Zeppelins que são aguardados para apresentar seus cumprimentos aos habitantes da Grande Metrópole a qualquer momento. O povo inglês, graças à sua posição geográfica e à sua poderosa marinha, nunca pensou que seus lares poderiam correr perigos de nenhum tipo, não importando*

*quão terrível , quão cruel e sangrenta a guerra os empurrasse contra outras nações. Mesmo quando eles começaram esta contra a Alemanha eles nem por um momento pensaram que poderiam ser atacados na Inglaterra e em Londres. Pode-se ver uma grande mudança em seu modo de considerar as coisas desde o primeiro ataque sobre Dover e outros pontos. Eles perderam muito de sua arrogância, a qual deu lugar ao medo (22 de janeiro).*

Em abril Flora registra outro ataque alemão sobre diversas cidades da costa leste da Inglaterra como "*sensational news*". Por terem sido lançadas muitas bombas sem causarem danos, considerava que os alemães poderiam estar testando a distância à qual poderiam voar e "deixar seus cartões de visita" para avisar que um dia iriam de fato bombardear Londres sem serem perturbados em "sua obra de destruição" (16 de abril).

No entanto, à medida que se intensificaram os bombardeios, que visavam cada vez de mais perto Londres, Flora passou a temer pela sua sobrevivência, registrando o primeiro estrago causado pelos *zeppelins* a essa cidade, com diversos incêndios nos subúrbios. Comenta até mesmo a censura que a imprensa estabeleceu sobre o noticiário desses eventos, para evitar alarmar a população , ressaltando que ninguém em Londres pensava que essa nova face da guerra fosse possível, pois até então o conflito estava no mar e nas trincheiras no continente. O bombardeio do Eastend de Londres trouxe a guerra para perto de sua vida. Os noticiários de jornais, sob censura, foram colocados sob suspeita e as mentiras propagadas pela imprensa sobre vitórias dos exércitos ingleses e de seus aliados passaram a ser desacreditadas (27 de agosto). Nesse clima, ocorre o único relato de observação direta de Flora de bombardeio, dos *zeppelins* com bombas e *shells* [granadas?] no Northwest e em London Bridge, atingindo Holborn, Liverpool street e Marble Arch.

Os registros sobre os ataques dos submarinos alemães contra barcos de passageiros ou mercantes tem seu ponto culminante com o espetacular afundamento do transatlântico "Lusitânia" pelos submarinos alemães. Flora teceu comentários angustiados sobre a tragédia, procurando os culpados. Coerente com seu posicionamento germanófilo, procurou isentar os atacantes atribuindo ao almirantado inglês a leviandade de não ter levado a sério as advertências feitas com antecedência de dez dias pelo inimigo . A dimensão da catástrofe (1550 pessoas mortas) levou-a a insistir na responsabilidade do almirantado inglês

*por fazer pouco da capacidade dos submarinos alemães e escarnecer de seu poder de fazer qualquer estrago àqueles grandes navios, tão perfeitamente protegidos pela esquadra britânica. É claro que aqueles passageiros americanos tinham maior confiança na proteção britânica do que em qualquer coisa na terra, e somente riram*

*para os avisos dados pela Embaixada Alemã em Washington e pelos amigos alemães na Europa, então, pagaram com suas vidas sua fé na Inglaterra (7 de maio).*

O ponto crucial do posicionamento de Flora são as notícias sobre as atrocidades alemãs, largamente utilizadas pela contrapropaganda dos aliados. Impedida de verificar pessoalmente, descrendo da imprensa sob censura, Flora se informava junto a amigos e conhecidos para tirar a limpo essas histórias. Seu esquema de referência oscila entre acreditar nas notícias sobre relacionamentos amistosos entre os soldados ingleses e alemães nas trincheiras, com a trégua para o Natal de 1914, e a dúvida sobre a capacidade dos alemães de cometerem atos desumanos. Entre os soldados que confraternizavam saindo das trincheiras, dando apertos de mãos e fumando cigarros juntos e as notícias de violações, sevícias a seres humanos e animais, Flora se angustiava sem saber onde obter informações seguras. Nem mesmo Oliveira Lima podia socorrê-la pois nesse caso, parece que as fontes de informações eram as mesmas: amigos intelectuais e diplomatas, refugiados, feridos hospitalizados, nenhum testemunhara os atos criminosos. Nestas batalhas da memória, que colocaram em choque versões concorrentes que atendiam os interesses dos diferentes grupos envolvidos na guerra, Flora fez uma escolha. Recusou-se a dar aos boatos mais crédito que o de "*histoires de paysans*" destinadas a provar a crueldade dos alemães: despedaçamento de animais vivos, prisão de velhos sacerdotes, violências contra mulheres e crianças. Recusava-se a crer nessas notícias, considerando-as "absolutamente incríveis". (10 de janeiro), meras invenções (25 de janeiro). Chocada pelo modo como os ingleses encaravam a guerra, como se ela não existisse (23 de abril), procurava na leitura de jornais franceses (*L'Humanité*) e alemães, mesmo atrasados, a comparação com os jornais ingleses que fundamentasse uma atitude mais crítica diante do noticiário e a constatação, com surpresa, de que as vitórias inglesas eram também celebradas pelos alemães (3 de março).

Em sua tentativa de controle da memória e construção de um relato adequado ao grupo de que participava, Flora procurou outros testemunhos autorizados sobre a guerra com pessoas com quem convivia no cotidiano, como caixeiros, fornecedores, prestadores de serviços. Na casa de Wetherby Gardens, South Kensington, a guerra era assunto indefectível nas reuniões, e separava os amigos em campos opostos, segundo seus posicionamentos em relação às potências beligerantes. Nesses diálogos, Flora tentava compreender os motivos da guerra, alinhando a cada momento explicações plausíveis: a guerra poderia ter sido evitada, não havia motivo para ela, tratava-se de uma guerra comercial, produto das diplomacias secretas. O mais longe que foi nessas conjecturas foi afirmar que a guerra fora motivada basicamente pela

oposição entre república e monarquia: *De fato o radicalismo juntou as mãos por toda a Europa para esmagar desta forma o governo que tinha feito da Alemanha o único país onde um progresso sem paralelo havia saído de uma sólida organização* (6 de junho). Esquecia-se de que na liderança dos lados opostos havia duas monarquias, a britânica e a alemã.

A escolha do lado alemão causa surpresa pois o casal havia escolhido fixar residência na Inglaterra, onde a estabilidade política se assentava em sólido parlamentarismo e a família real simbolizava a unidade nacional. Seu posicionamento indica sugestivamente o fascínio que a Alemanha exercia sobre muitos intelectuais na época, inclusive no Brasil, e não pode ser separado do grande progresso material que aquele país alcançou na virada do século. Tais escolhas levaram Flora a polarizar a guerra como evento travado apenas entre as duas potências, deixando de lado as alianças, o imperialismo e as mudanças ocorridas ao longo do conflito, no máximo entendendo a guerra como luta desigual entre a Alemanha e os "Aliados." Nem mesmo suas amizades com os belgas exilados e o fato de ter residido na Bélgica de 1908 a 1912 conseguiu abalar suas convicções germanófilas após a invasão da Bélgica em 1914, fato que motivou o êxodo de população civil. Sua leitura estava imersa na rivalidade anglo-alemã e pautada pela estrutura dos "*faits divers*" constituía uma apreensão da realidade segundo o modelo reconhecido pelo grupo e indicativo de sua identidade, na qual a "civilização" e o progresso da Alemanha deveriam ser preservados de contra-memórias .

Aplaudiu vitórias alemãs, como a tomada de Varsóvia: *Varsóvia deve cair em mãos dos alemães ou titãs como eles podem bem ser chamados* (30 de julho). Essa conquista foi por ela comemorada com a degustação de um vinho especial com amigos , celebrando o avanço da "*nação [ que ] estava inteiramente caída, esmagada pelo poderoso inimigo e clamando por paz* (1 de agosto). Quando os jornais noticiaram a queda de Varsóvia, registrou: *assim os alemães celebraram o primeiro ano da grande guerra* (7 de agosto).Ao mesmo tempo em que escolheu o lado alemão, numa atitude perigosa para quem vivia num país do grupo dos "Aliados", engajou-se nos esforços pacifistas, adotando posição humanitária e lamentando a perda de milhares de vidas e a estupidez humana, que considerava sem esperança quando assume caráter coletivo e perde limites:

*De outro modo, como se pode explicar uma guerra como esta na qual 99% dos que estão combatendo tão desesperadamente não tem a menor idéia, eu estou certa, de suas razões, boas ou más, que os levaram a esta condição de meros animais selvagens cheios de sede de sangue quando eles não são compelidos por nenhum*

*tipo de ódio e em sua maioria levam vidas comuns como criaturas afetuosas , pacíficas (9 de maio) .*

Não obstante, participou de reunião da International Women's Congress, que trabalhava pela paz e engajou-se na Permanent Peace association, fornecendo listas de brasileiras que poderiam ser convidadas para organizar um ramo brasileiro da associação no Rio de Janeiro, tendo escrito a elas e enviado uma cópia do jornal *Towards Permanent Peace*. Acompanhou o andamento e registrou diversos comícios pacifistas em Hyde Park, evocando valores cristãos e humanitários para fundamentá-los.

A escolha do tema da guerra como diretor da narrativa é de extrema importância para o sentido que a autora deu à sua autobiografia e ao eu construído . A carga emocional desse evento não está apenas colocada nos riscos e privações ocorridos durante o conflito, mas em seus desdobramentos posteriores, como o impedimento de retornar à Inglaterra e a necessidade de redirecionar a vida, que culminou com o estabelecimento do casal em Washington, onde terminaram seus dias, ele em 1928, ela em 1940. Nesse sentido, o diário contém o desejo de justificar-se não apenas perante seus contemporâneos, mas para a posteridade, possibilidade da qual Flora possuía aguda percepção e expectativa. Coloca-se pois intencionalmente tanto sua elaboração quanto sua preservação por sua utilidade na manutenção de uma história do eu que é também a história do outro, do casal, onde o eu se confunde e se perde.

Na sua condição de mulher, acabou escrevendo sobre o chamado "lado menor" da história uma guerra vista da retaguarda, por meio de leituras, relatos de terceiros e reduzido testemunho direto das batalhas. Seria possível outra posição?

## REFERÊNCIAS

COCHET, François. *Témoins en guerre (1914-1918). Paroles de témoins et sources écrites*. Thèse de 3.e cycle, Univ. de Paris VII, 1983).

CRUBELLIER, Maurice. *La mémoire des français*. Recherches d'histoire culturelle. Paris, Kronos, 1991.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Les histoires de vie*. Paris: Anthropos.

MALATIAN, Teresa. O diário de Flora. *Remate de males*. Campinas: IEL/UNICAMP, 24, 2004: 51-64.

OLIVEIRA, Maria Helena Palma de. *Lembranças do passado: a infância e a adolescência na vida de escritores brasileiros*. Bragança Paulista; EDUSF, 2001.